

Boletim No. 10 – 19 de Julho de 2020**A Pandemia no Brasil, São Paulo e Campinas: uma crônica de falhas e incompetências.****A situação no Brasil**

O Brasil registrou no dia 17 de julho **2.064.328 casos**, com **77851 óbitos**.

Depois de quase 5 meses da chegada do vírus no Brasil (26 de fevereiro) ainda não podemos afirmar que chegamos ao pico da doença, embora a pandemia se comporte diferentemente nas várias regiões que compõem o Brasil.

A média móvel de 14 dias de casos novos por dia está mantida em torno de 35.000 por dia desde meados de junho, enquanto a média móvel de 7 dias para os óbitos (gráfico 1) se estabilizou em torno de 1.000 por dia desde o início de junho.

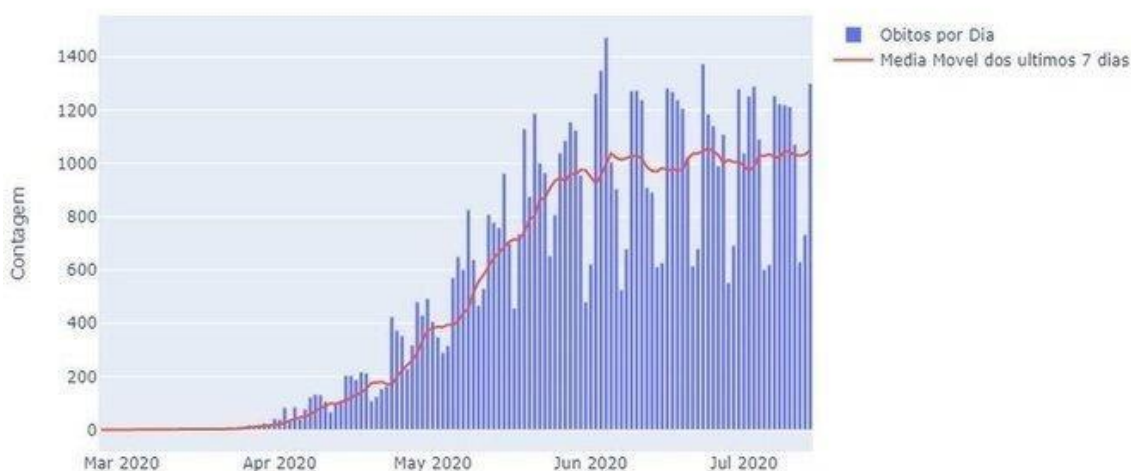


Gráfico 1: Número de óbitos por dia e média móvel de 7 dias.

O que o gráfico nos revela é que chegamos a um **platô com um número muito alto de mortes diárias**, o equivalente à queda de 3 aviões jumbos diários. Chama a atenção que, nos piores momentos da Itália e Espanha, havia uma grande comoção, com inúmeras mensagens de condolências e homenagens às vítimas daqueles países. No Brasil não se vê a mesma comoção com as vítimas, como se as **mortes** já estivessem **naturalizadas**. São frequentes notícias onde autoridades do país, particularmente o antipresidente, que justificam essas mortes como “esperadas”, “são os idosos”, “iam morrer mesmo”, “todos morremos um dia”. Houve economistas que inclusive destacaram o lado positivo, pois haveria uma melhora dos gastos com a previdência! Justifica-se a naturalização da morte valendo-se da ideia de “grupos de risco”, que tanto mal já produziu no auge da pandemia de AIDS, estigmatizando principalmente a população LGTB. Mas essa é outra história...

O Brasil tem várias epidemias, com a situação diferenciando-se em várias regiões e estados. Assim é que temos estados em que o número de casos e de óbitos continua aumentando (os estados do Sul,

Centro-oeste, além de Minas Gerais, Rondônia e Tocantins), estados em que a pandemia se estabilizou em número muito alto (São Paulo, Bahia, Pernambuco, entre outros) e aqueles em que as taxas estão caindo (Amazonas, Acre, Pará, Roraima e Rio de Janeiro). De qualquer modo, estamos longe de um final feliz, pois em nenhum desses estados se atingiu a chamada “imunidade de rebanho”, quando então o vírus pararia de se propagar.

A Situação do Estado de São Paulo

No dia 17 de julho São Paulo registrava **407.415** casos de covid-19 e **19.377** óbitos. A taxa de ocupação de leitos de UTI está 66,5% no Estado e 65% na grande São Paulo.

Os números de casos e de óbitos pararam de subir e parecem ter se estabilizado com uma ligeira tendência de queda, o que fez com que o governador flexibilizasse o isolamento social na Capital e em outros municípios da grande São Paulo.

Entretanto, segundo Dimas Tadeu Covas, diretor do Instituto Butantã, é falsa a sensação de estamos em um momento de inflexão da curva epidêmica no

Estado de São Paulo. Segundo ele **o número de casos deve continuar aumentando pelo menos até outubro**, considerando o nível de isolamento atual, entre 45 e 50%. A queda só deve ocorrer de fato a partir de novembro se não houver alguma mudança na tendência.

Ainda na sua avaliação, “a curva de óbitos parece ter se estabilizado no Estado, mas em um patamar elevado, em torno de 300 por dia, e tal situação deve se prolongar até o início de 2021.”

E, segundo Paulo Inácio Prado, professor do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, embora tenha havido queda no número de casos na capital, não se verifica o mesmo padrão para os casos de síndrome respiratória aguda grave (SRAG). “Parece haver recentemente uma retomada no número de casos suspeitos, que poderá ou não se refletir no aumento de casos de Covid-19 confirmados. **Os sinais que vemos nos gráficos ainda são muito incertos.** Não deixam claro se a tendência de redução de casos graves será mantida na cidade de São Paulo ou se haverá retomada do crescimento”.

Ou seja, embora o governo estadual esteja comemorando a estabilização do número de casos e de óbitos, é como se no jogo Brasil e Alemanha,

estivéssemos comemorando quando paramos de tomar gol, na hora que o placar chegou no 7 a 1.

Também **em São Paulo a pandemia se comporta regionalizadamente**: enquanto o número de casos e de óbitos esteja se estabilizando ou caindo na capital e grande São Paulo, bem como a taxa de ocupação de leitos desde meados de junho, no interior esses números ainda estão aumentando.

A situação de Campinas

Aqui o comportamento da pandemia também parece ser de **estabilização no aumento do número de casos e óbitos diários**.

Em 17 de julho eram **12.884 casos com 516 óbitos**

O número de casos diários, medidos pela média móvel de 14 dias, vinha crescendo até o dia 29/06, quando atingiu a média de **307 casos/dia**. Manteve-se nessa média até o dia 4 de julho e, daí em diante, caiu até manter-se numa média de **260 casos diários** nos últimos dias. Entretanto, ainda é cedo para se afirmar tendência de queda, pois há ainda variações. Os especialistas falam em pelo menos 4 semanas de queda. No nosso caso, a tendência de estabilização (vide tabela 1 e gráfico 2)

Data	Número de casos por dia	Média Móvel de 14 dias
04/mai	6	-
05/mai	15	-
06/mai	5	-
07/mai	26	-
08/mai	48	-
09/mai	64	-
	0	-
10/mai	0	-
11/mai	16	-
12/mai	45	-
13/mai	47	-
14/mai	45	-
15/mai	61	-
16/mai	78	33
17/mai	50	36
18/mai	64	39
19/mai	48	42
20/mai	57	45
21/mai	61	45
22/mai	50	44
23/mai	0	44
24/mai	10	45
25/mai	66	49

26/mai	28	48
27/mai	66	49
28/mai	81	51
29/mai	136	57
30/mai	0	51
31/mai	165	59
01/jun	134	64
02/jun	291	82
03/jun	138	88
04/jun	167	95
05/jun	167	104
06/jun	0	104
07/jun	0	103
08/jun	159	109
09/jun	165	119
10/jun	213	130
11/jun	168	136
12/jun	198	140
13/jun	145	151
14/jun	0	139
15/jun	308	151
16/jun	404	159
17/jun	334	173
18/jun	502	197
19/jun	173	198

20/jun	0	198	04/jul	0	301
21/jun	350	223	05/jul	0	276
22/jun	258	230	06/jul	340	282
23/jun	405	247	07/jul	524	290
24/jun	296	253	08/jul	379	296
25/jun	317	264	09/jul	339	298
26/jun	0	249	10/jul	344	322
27/jun	0	239	11/jul	23	324
28/jun	821	298	12/jul	0	265
29/jun	438	307	13/jul	402	263
30/jun	323	301	14/jul	286	260
01/jul	386	305	15/jul	180	245
02/jul	313	291	16/jul	457	255
03/jul	302	301	17/jul	304	256

Tabela 1: Número de casos diários e média móvel de 14 dias.

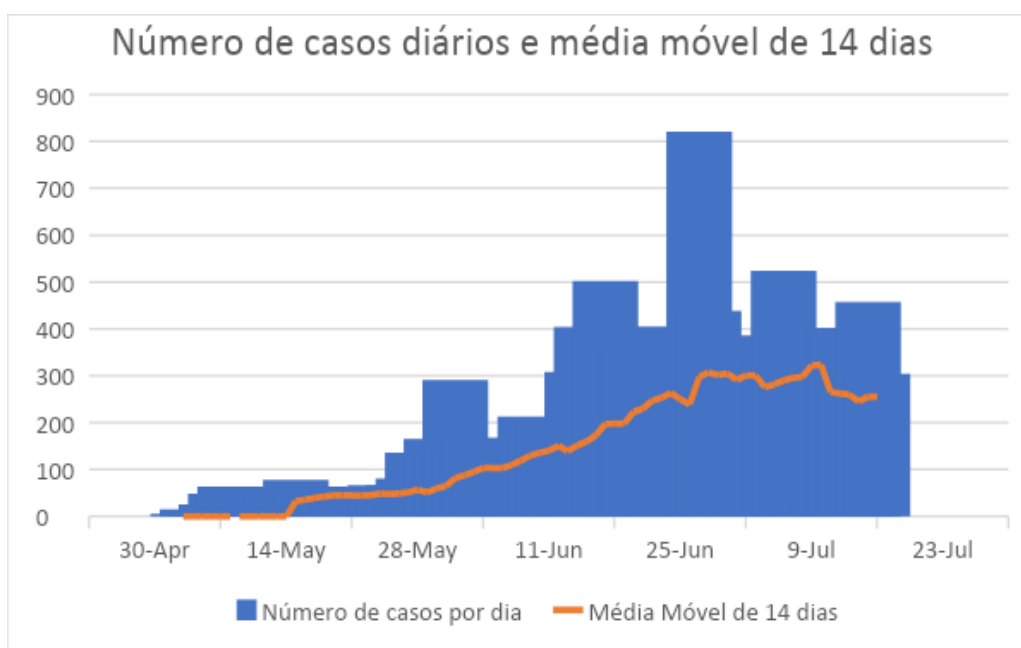


Gráfico 2

Em relação ao número de óbitos, a média diária foi aumentando até 23 de junho, quando **parece ter se estabilizado na média de 11 óbitos diários** a partir daí (tabela 2 e gráfico 3):

Data	No. de óbitos diários	Média Móvel
05/mai	1	
06/mai	0	
07/mai	0	
08/mai	1	
09/mai	0	
10/mai	3	
11/mai	2	
12/mai	1	
13/mai	2	

14/mai	2	
15/mai	5	
16/mai	2	
17/mai	1	
18/mai	0	1
19/mai	3	2
20/mai	1	2
21/mai	2	2
22/mai	0	2
23/mai	1	2
24/mai	0	2

25/mai	0	1	21/jun	4	8
26/mai	13	2	22/jun	23	9
27/mai	0	2	23/jun	17	10
28/mai	2	2	24/jun	18	11
29/mai	4	2	25/jun	6	10
30/mai	2	2	26/jun	14	11
31/mai	3	2	27/jun	0	10
01/jun	2	2	28/jun	5	11
02/jun	4	2	29/jun	21	12
03/jun	8	3	30/jun	7	13
04/jun	5	3	01/jul	19	11
05/jun	3	3	02/jul	12	12
06/jun	0	3	03/jul	7	11
07/jun	4	4	04/jul	0	11
08/jun	0	4	05/jul	2	11
09/jun	12	4	06/jul	20	11
10/jun	4	4	07/jul	0	9
11/jun	16	5	08/jul	20	10
12/jun	0	5	09/jul	17	10
13/jun	12	5	10/jul	16	10
14/jun	0	5	11/jul	7	11
15/jun	1	5	12/jul	11	11
16/jun	0	5	13/jul	0	10
17/jun	36	7	14/jul	26	11
18/jun	9	7	15/jul	22	11
19/jun	15	8	16/jul	13	12
20/jun	0	8	17/jul	12	12

Tabela 2: óbitos diários desde o 5 de maio e média móvel de 14 dias.

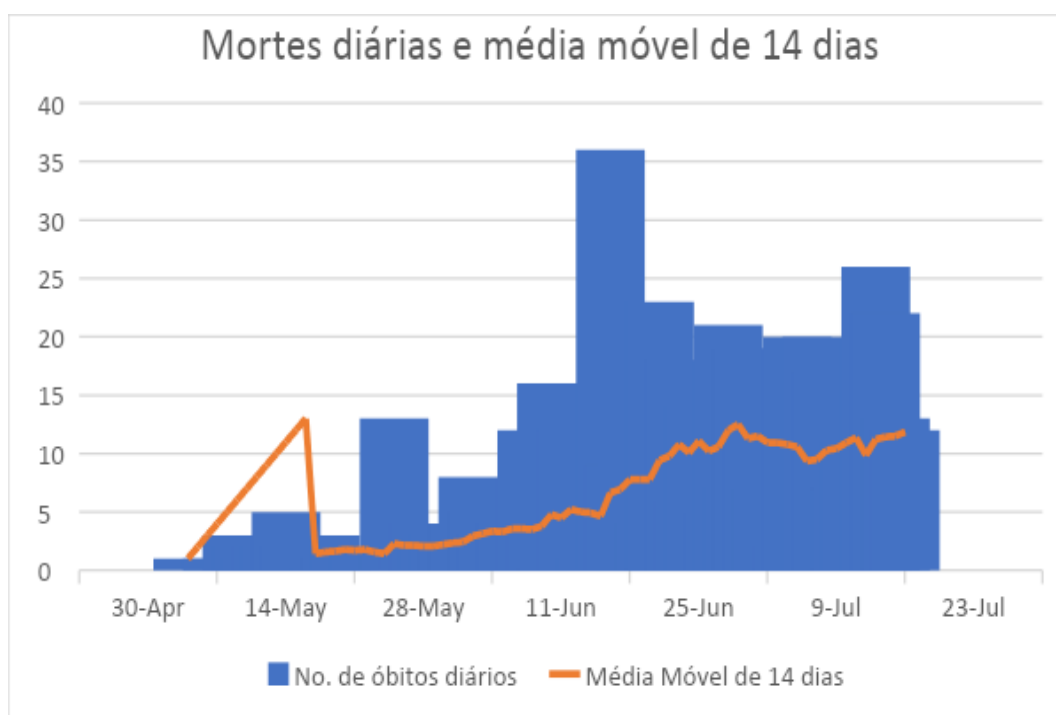


Gráfico 3

Na tabela 3 temos o número de casos por 100 mil habitantes em cada um dos distritos sanitários da cidade nas datas especificadas.

Data	Leste	Noroeste	Norte	Sudoeste	Sul	Total
01/jun	536	255	313	260	417	1781
10/jun	849	463	548	486	731	3077
16/jun	1073	755	763	812	989	4392
23/jun	1364	1025	1064	1148	1408	6009
30/jun	1777	1112	1452	1606	1932	7879
14/jul	2557	1956	2227	2461	2965	12166

Tabela 3: Casos por 100 mil hab nos distritos sanitários em datas especificadas.

Na tabela 4 e gráfico 4, a proporção de casos por distrito sanitário nas datas especificadas.

Data	Leste	Noroeste	Norte	Sudoeste	Sul
01/jun	30,1%	14,3%	17,6%	14,6%	23,4%
10/jun	27,6%	15,0%	17,8%	15,8%	23,8%
16/jun	24,4%	17,2%	17,4%	18,5%	22,5%
23/jun	22,7%	17,1%	17,7%	19,1%	23,4%
30/jun	22,6%	14,1%	18,4%	20,4%	24,5%
14/jul	21,0%	16,1%	18,3%	20,2%	24,4%

Tabela 4: proporção de casos nos distritos sanitários em datas especificadas.

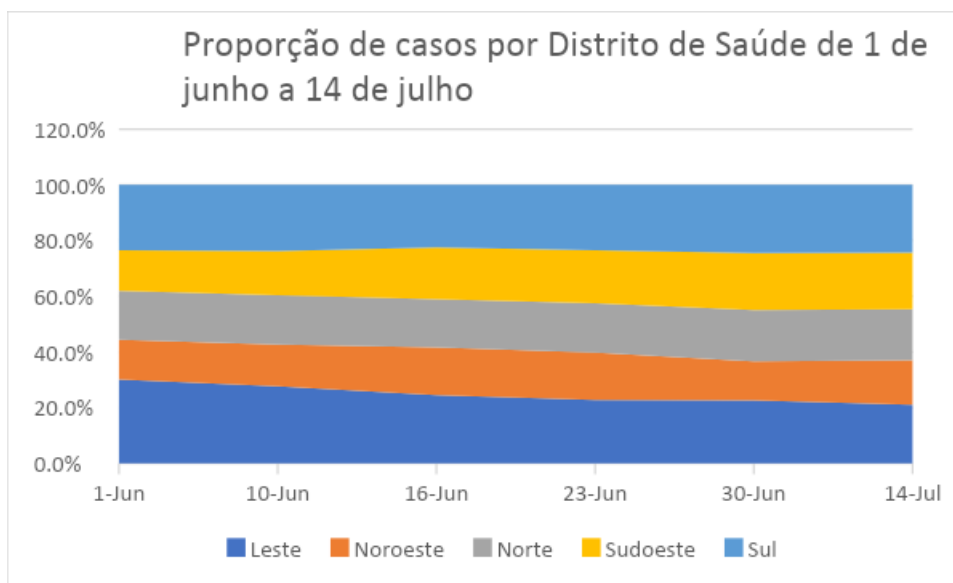


Gráfico 4: Proporção de casos por distrito de saúde em datas especificadas

A análise destas tabelas e gráfico mostra que o número de casos era proporcionalmente maior no Distrito Leste em 1 de junho, porém **foi aumentando ou se mantendo constante nos distritos de maior vulnerabilidade social**, de tal modo que em 14 de julho a maior proporção se concentrava no **Distrito**

Sul. O **Distrito Sudoeste**, por sua vez, proporcionalmente, foi o que mais teve aumento de casos por 100 mil habitantes desde o dia 1 de junho até 14 de julho.

O número de óbitos por 100 mil habitantes em 14 de julho está representado na tabela 5 e gráfico 5:

Coeficiente de mortalidade por 100 mil hab				
Leste	Noroeste	Norte	Sudoeste	Sul
24,9	51	27,9	51	35,4

Tabela 5

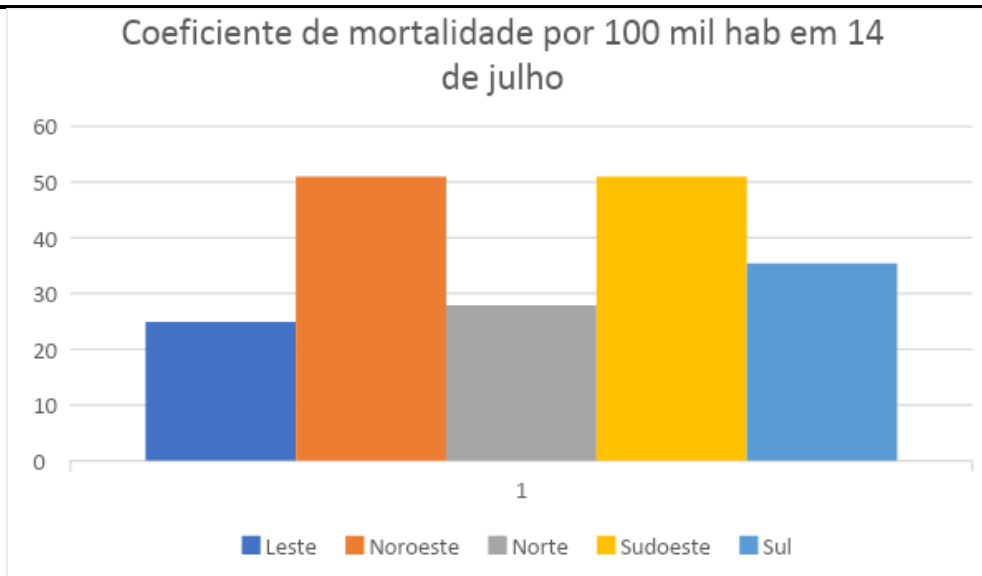


Gráfico 5

Essa tabela e gráfico mostram a **gravidade dos óbitos nas regiões de maior vulnerabilidade social**. Se o Distrito Noroeste tem menos casos proporcionalmente que o Distrito Leste (16% e 21% respectivamente), o coeficiente de mortalidade por 100 mil habitantes é **o dobro no primeiro** (51 e 24,9 respectivamente). Também o Distrito Sudoeste, com a mesma proporção de casos do Distrito Leste, detém o mesmo índice de mortalidade por 100 mil habitantes que o Distrito Noroeste (51) e **o dobro** do Distrito Leste (24,9).

Esse padrão de mortalidade, muito mais grave nos bairros mais pobres das cidades, tem se mostrado constante em todo o Brasil.

O Brasil, São Paulo e Campinas combateram adequadamente a pandemia?

Segundo inúmeros especialistas e pesquisadores a resposta é **Não**:

- Nunca houve um **controle efetivo dos viajantes** que vinham de outros países onde já existiam casos confirmados.
- Não se buscou efetivamente os **contactantes do caso 1**, testando-os e isolando quando necessário; observa-se que essa é uma tradição da saúde pública, como foi feito em recente caso de sarampo, também chegado da Europa, em 2018.
- Nunca houve a **testagem de todos os suspeitos e seus contactantes**, a principal medida para contenção da pandemia, o que permitiria detectar e isolar os casos positivos, reduzindo em muito a chance de transmissão.
- O **isolamento social em nenhum desses lugares atingiu uma proporção adequada**, permanecendo sempre abaixo de 60%.

- Faltaram **políticas efetivas de garantia de renda para a população mais pobre** ou outras ações para isolar pessoas muito pobres ou idosos moradores de instituições de longa permanência (poder-se-ia ter utilizado os hotéis, escolas, clubes, isentado os mais pobres de pagamento de água, luz e IPTU, distribuição intensiva de cestas básicas, proteção aos desempregados ou aos empregados informais, aos pequenos empresários, entre outras inúmeras medidas recomendadas por vários pesquisadores e economistas).
- Com a piora da situação e a baixa efetividade das medidas tomadas até então, esperava-se que vários estados e municípios, incluindo Campinas, **impusessem medidas mais drásticas** (o “lockdown” ou “Fecha-tudo”) em final de maio e início de junho. Infelizmente nunca ocorreu, apesar dos apelos, aqui em Campinas, do Conselho Municipal de Saúde, dos ex-secretários de saúde e de especialistas das universidades local.
- Na contramão dessas medidas o que se viu foram **decisões erráticas, que confundiram a população**: rodizio de automóvel em São Paulo que contribuiu para aumentar a concentração de pessoas nos coletivos; antecipação de feriados em São Paulo e Campinas com pouco ou nenhum efeito; anúncios de flexibilização da quarentena, lá e cá, com abertura de shoppings; proibição do uso de máscara, reversão da proibição, manutenção da proibição; entre outras.
- Inexistência de uma **política de comunicação massiva** por diversos meios (radio, TV, outdoor, carros de som, outros) em horário nobre, com veiculação frequente, com mensagens atrativas e

CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE DE CAMPINAS

focadas nas situações de vida cotidiana da população, especialmente a mais vulnerável que vive, trabalha e se transporta em aglomerações.

- O **Ministério da Saúde**, por incompetência dos ministros (o atual, general de exército, não possui a mínima formação em gestão da saúde, além de ter substituído técnicos da área por outros militares, tão incapacitados quanto ele), **nunca foi capaz de coordenar uma atuação nacional**.
- O **antipresidente**, demonstrando total falta de empatia com os mortos, promoveu um festival de atitudes negacionistas em relação à pandemia e à doença, servindo de um **péssimo exemplo** para grande parte da população.

A consequência dessa série de erros foi a população cada vez mais nas ruas e o número de casos subindo exponencialmente. Não por acaso o **Brasil se tornou um dos principais epicentros da doença no mundo**, perdendo apenas para os Estados Unidos, outro exemplo de péssima condução da crise sanitária.

À guisa de conclusão...

Segundo o Diretor de emergências sanitárias da Organização Mundial de Saúde, Michael Ryan, em 17 de julho, a transmissão do Coronavírus no Brasil atingiu um platô, ou seja, não há quedas no número

de casos, mas a curva já não sobe como antes. Ainda segundo ele o país tem agora uma oportunidade para tentar controlar o surto, sendo necessárias ações sustentáveis por parte das autoridades.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, as regras para flexibilização da quarentena são as seguintes:

- queda mantida do número de casos;
- queda mantida do número de óbitos;
- testagem de todos os suspeitos e contactantes com garantia de isolamento deles.

Em outros países que controlaram a doença, ninguém o fez por imunidade de rebanho, como tudo indica que é o que nossos governantes estão implementando por aqui. Esse tipo de conduta traria como consequências aumentar absurdamente o número de óbitos e o sofrimento de todos, particularmente dos mais vulneráveis e suas famílias. Ao contrário, nestes países o controle foi feito testando as pessoas e isolando todos os positivos.

Somos um dos únicos países do mundo que adotou medidas de reabertura com o número de casos crescendo. E, para piorar a situação, propõe-se a abertura de escolas, permitindo que as crianças sejam vetores do vírus para seus familiares, aumentando exponencialmente o risco de morte entre elas.

Secretaria Executiva do
Conselho Municipal de Saúde de Campinas
19/07/2020